

ILÍADA E ODISSÉIA DE HOMERO

LIVROS QUE MUDARAM O MUNDO

A BÍBLIA

Karen Armstrong

O CAPITAL DE MARX

Francis Wheen

O CORÃO

Bruce Lawrence

OS DIREITOS DO HOMEM DE THOMAS PAINE

Christopher Hitchens

ILÍADA E ODISSÉIA DE HOMERO

Alberto Manguel

A ORIGEM DAS ESPÉCIES DE DARWIN

Janet Browne

O PRÍNCIPE DE MAQUIAVEL

Philip Bobbitt

A REPÚBLICA DE PLATÃO

Simon Blackburn

A RIQUEZA DAS NAÇÕES DE ADAM SMITH

P.J. O'Rourke

SOBRE A GUERRA DE CLAUSEWITZ

Hew Strachan

Alberto Manguel

ILÍADA E ODISSÉIA DE HOMERO

| *uma biografia* |

Tradução:
Pedro Maia Soares



Para Craig, em Ítaca

Título original:

Homer's The Iliad and The Odyssey
(A Biography)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2007 por
Atlantic Books, um selo de Grove Atlantic Ltd., de Londres, Inglaterra

Copyright © 2007, Alberto Manguel

Copyright da edição brasileira © 2008:

Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante, em papel Reciclato

Ilustração da capa: © Charles & Josette Lenars / Corbis / LatinStock

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Manguel, Alberto, 1948-
M243i Ilíada e Odisséia de Homero / Alberto Manguel; tradu-
ção, Pedro Maia Soares. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,
2008.
(Livros que mudaram o mundo)

Tradução de: Homer's the Iliad and the Odyssey: a
biography
Inclui índice
ISBN 978-85-378-0078-2

1. Homero. Ilíada. 2. Homero. Odisséia. 3. Literatura grega
— História e crítica. I. Soares, Pedro Maia. II. Título. III.
Série.

08-1450

CDD: 883

CDU: 821.14'02-3

Sumário

Introdução	7
1 Resumos dos cantos	15
2 Uma vida de Homero?	29
3 Entre os filósofos	42
4 Virgílio	50
5 O Homero cristão	63
6 Outros Homeros	71
7 Homero no Islã	82
8 Dante	91
9 Homero no Inferno	98
10 Grego <i>versus</i> latim	106
11 Antigos <i>versus</i> modernos	114
12 Homero como poesia	126
13 Reinos de ouro	138
14 Homero como idéia	149

15 O Eterno Feminino	<i>158</i>
16 Homero como símbolo	<i>167</i>
17 Homero como história	<i>176</i>
18 Madame Homero	<i>182</i>
19 As viagens de Ulisses	<i>191</i>
20 Homero através do espelho	<i>202</i>
21 A guerra sem fim	<i>214</i>
22 Todo mundo	<i>224</i>
<i>Observações sobre Traduções e Edições</i>	<i>233</i>
<i>Notas</i>	<i>235</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>259</i>
<i>Índice remissivo</i>	<i>260</i>

Introdução

“Toda grande obra de literatura, ou é a Ilíada ou é a Odisséia.”

RAYMOND QUENEAU, *Introdução a Bouvard et Pécuchet, de Flaubert*, 1947

Parece bem apropriado que os dois livros que, mais que quaisquer outros, nutriram a imaginação do mundo ocidental por mais de dois milênios e meio não tenham ponto de partida claro e nem um criador identificável. Homero começa muito antes de Homero. Com toda a probabilidade, a *Ilíada* e a *Odisséia* passaram a existir aos poucos, de modo indefinido, mas como mitos populares que como produções literárias, por meio do processo insondável de filtragem e combinação de baladas antigas, até adquirir uma forma narrativa coerente, baladas cantadas em línguas que já eram arcaicas quando o poeta (ou os poetas) que a tradição concordou em chamar de Homero compôs sua obra, no século VIII a.C.

Durante muitos séculos, o cantor cego e pobre que esmolava pelos caminhos da Grécia Antiga foi em geral considerado o autor da *Ilíada* e da *Odisséia*; com o tempo, veio a

ser substituído por uma espécie de espírito inspirado, parte fábula, parte alegoria, o fantasma da Poesia Perdida. Por fim, tão disseminada se tornou a noção de um Homero apócrifo que, na década de 1850, Gustave Flaubert pôde zombar dele em seu *Dicionário de clichês*, manual que simulava oferecer à burguesia uma resposta social correta para qualquer opinião emitida: “HOMERO: Nunca existiu.”¹

Nada sabemos sobre Homero. Acontece o contrário com seus livros. Num sentido muito real, a *Ilíada* e a *Odisséia* nos são familiares antes de abrirmos suas primeiras páginas. Antes mesmo de começarmos a acompanhar as mudanças de humor de Aquiles ou admirar a esperteza e a coragem de Ulisses, aprendemos a presumir que, em algum lugar nessas histórias de guerra no tempo e de viagem no espaço, nos será contada a experiência de toda a luta e toda a travessia humanas. Duas de nossas metáforas mais antigas nos dizem que toda vida é uma batalha e que toda vida é uma jornada; se *Ilíada* e *Odisséia* beberam desse conhecimento, ou se essa sabedoria foi tirada da *Ilíada* e da *Odisséia*, isso, afinal, não tem importância, uma vez que um livro e seus leitores são espelhos que refletem um ao outro infinitamente.

Quaisquer que sejam suas origens nebulosas, a maioria dos estudiosos supõe agora que os poemas atribuídos a Homero começaram como composições dispersas, de vários tipos, que acabaram por se aglutinar e se tornaram perfeitamente entrecidas para formar as duas longas histórias que conhecemos hoje: uma que descreve a tragédia de um único lugar, Tróia, disputado por muitos homens; outra que conta as aventuras do retorno ao lar de um único homem, Ulisses, que abre o caminho de volta através de muitos lugares perigosos. Para

futuros leitores de Homero, Tróia passou a representar todas as cidades, e Ulisses, todos os homens.

A biografia de um livro não é a biografia de quem o escreveu. Exceto no caso de Homero e sua obra – em que elas andam de mãos dadas –, uma vez que é impossível saber qual deles veio primeiro: o bardo cego que cantou a destruição da cidade troiana e a saudade de casa de um rei grego, ou as histórias da sedução da guerra e da busca pela paz, que exigem um autor para justificar sua existência? Os escritores e suas obras estabelecem relações curiosas aos olhos de seus leitores. Há livros que, com escrita inspirada, fazem surgir um personagem tão vivo que se sobrepõe a quem quer que tenha sido o verdadeiro autor. Dom Quixote e Cervantes, Hamlet e Shakespeare são casos típicos. Há escritores cujas vidas, como disse Oscar Wilde a respeito de si mesmo, são receptáculos de seus gênios e cujos livros são apenas o produto de seus talentos.² Homero e suas obras pertencem à primeira categoria, mas houve épocas em sua longa história nas quais os leitores preferiram incluí-las na segunda.

Ninguém possui Homero, nem o melhor de seus leitores. Cada uma de nossas leituras é feita através de camadas de leituras anteriores que se acumulam sobre a página como estratos sobre uma rocha, até que mal se pode ver o texto original (se alguma vez existiu coisa tão pura). Assim, quando pensamos, após fechar Homero, “Ah, agora me apropriei da *Ilíada*” – ou da *Odisséia* –, queremos dizer que tornamos nossa uma história que muitos outros, há muito tempo, anotaram, refundiram, interpretaram, adaptaram, e que, com seus testemunhos ecoando mais ou menos alto em nossos ouvidos, tentamos impor nossos gostos e preconceitos sobre uma cacofonia de

bandas de um homem só, tal como Keats olhando pela primeira vez o Homero de Chapman, ou Joyce empurrando Ulisses pelas ruas apinhadas de Dublin. Nessa tentativa, a adesão rigorosa a cronologias oficiais não é útil: as leituras influenciam umas às outras para diante e para trás ao longo do tempo, e não devemos acusar santo Agostinho de anacronismo por estudar Homero sob a orientação de Goethe, ou Heráclito por se permitir ser predisposto pelos comentários de George Steiner.

Esse palimpsesto de leituras não esconde de nossos olhos apenas o texto original (ou o que a maioria dos estudiosos admite que seja o texto original). Conta-se que o clérigo inglês Richard Whately, sacudindo a Bíblia do rei James numa reunião do clero de sua diocese, vociferou: “Isto *não* é a Bíblia!” Depois de uma longa pausa, completou: “Isto, senhores, é apenas uma *tradução* da Bíblia!”³ Exceto por um grupo cada vez menor de intelectuais aos quais foi concedida a graça de conhecer grego antigo, o resto de nós não lê Homero, mas uma tradução de Homero. Nisso, nossa sorte varia: alguns podem ter a ventura de topar com a de Alexander Pope ou a de Robert Fagles; outros podem estar condenados à versão “literal”, de 1816, de T.S. Brandreth, ou à contrafação pomposa, de 1948, de F.L. Lucas.

A tradução é, por sua natureza, um ofício questionável, e é muito estranho como, em certos casos, obras como a *Ilíada* e a *Odisséia*, compostas de palavras e, portanto, cujo sucesso depende aparentemente de como essas palavras exatas são usadas, podem prescindir delas e fazer-se ouvir em línguas que nem haviam sido inventadas quando os poemas surgiram. “*Ménin aeide, théa, Peleiadeo Achilleos...*”, “Canta, ó Deusa, a cólera de Aquiles, filho de Peleus”, esta é uma versão em

português mais ou menos literal do primeiro verso da *Ilíada*. Mas o que Homero quis dizer com *aeide*, canta? E com *théa*, Deusa? E *ménin*, cólera? Virginia Woolf observou que:

É inútil e tolo falar de saber grego, pois em nossa ignorância deveríamos estar no fundo de qualquer classe de colegiais, já que não sabemos como soavam as palavras, ou em que momento exato deveríamos rir, ou como os atores representavam, e entre essa gente estrangeira e nós não há apenas uma diferença de raça e língua, mas uma tremenda brecha de tradição.⁴

Até entre as línguas modernas, essa “tremenda brecha de tradição” persiste. *Wrath* [cólera], em inglês, com seu tom antiquado que tem ecos dos tigres de Blake e das vinhas de Steinbeck, é diferente do *Zorn* alemão, cheio do som e da fúria militar evidente na balada de 1848, de Emanuel Geibel, sobre o “*heil'gen Zorn ums Vaterland*”, “ira sagrada pela Pátria”,⁵ ou do francês *colère*, que, na Paris existencialista, Simone de Beauvoir definiu como uma paixão “nascida do amor para matar o amor”.⁶ Nessas circunstâncias confusas, o que o leitor deve fazer? Ler, e ter presentes essas questões.

Apesar dessas condições tão incômodas, um bom livro consegue sobreviver, às vezes, às traduções mais infiéis. Mesmo quando lemos “muitas coisas destruidoras da alma /em tábua fechadas” (como diz Brandreth, se acusando),⁷ a ira de Aquiles ou a saudade de Ulisses conseguirão de algum modo nos emocionar, lembrando-nos de nossos próprios empenhos, tocando algo em nós que não é apenas nosso, mas misteriosamente comum à humanidade.

Em 1990, o ministro da Cultura da Colômbia montou um sistema de bibliotecas itinerantes para levar livros aos habi-

tantes de regiões rurais longínquas. Com esse objetivo, grandes sacolas de livros eram transportadas no lombo de burros até a selva ou o alto da serra. Ali, os volumes eram deixados durante várias semanas nas mãos de uma professora ou pessoa idosa da aldeia que se tornava, *de facto*, o bibliotecário de plantão. A maioria dos livros era formada de obras técnicas, manuais de agricultura, coleções de modelos de costura e coisas similares, mas umas poucas obras literárias também foram incluídas. De acordo com uma das bibliotecárias, sempre se prestavam contas dos livros. “Sei de um único caso em que um exemplar não foi devolvido”, disse ela. “Tínhamos ficado, ao lado dos costumeiros títulos práticos, com uma tradução espanhola da *Ilíada*. Quando chegou o momento de trocar o livro, as pessoas se recusaram a devolvê-lo. Decidimos doá-lo a elas, mas perguntamos por que queriam ficar com aquela obra em particular. Explicaram que a história de Homero refletia a história delas próprias: falava de um país dividido pela guerra, em que deuses loucos se misturavam com homens e mulheres que nunca sabiam exatamente qual era o objetivo da guerra, ou quando seriam felizes, ou por que seriam mortos.”⁸

No último canto da *Ilíada*, Aquiles, que matou Heitor, que, por sua vez, matou Pátroclo, o amigo querido de Aquiles, concorda em receber o pai de Heitor, o rei Príamo, que vem para resgatar o corpo do filho. É uma das cenas mais comoventes e poderosas que conheço. De repente, não há diferença entre vítima e vitorioso, velho e jovem, pai e filho. As palavras de Príamo provocam em Aquiles uma “grande saudade do pai”, e com muita brandura ele afasta a mão que o velho estendera para segurar e beijar as mãos do assassino de seu filho.

Ambos choravam; o velho lembrando de Heitor valoroso, num soluçar convulsivo, de Aquiles aos pés enrolado, que, ora o pai velho chorava, ora a perda do amigo dileto, Pátroclo; o choro dos dois pela tenda bem-feita ressoava.⁹

Por fim, Aquiles diz a Príamo que, “apesar de angustiados, /é conveniente deixar que as tristezas no peito se aplaquem”.

Sempre viver em tristeza, eis a sorte que os deuses eternos de descuidada existência aos mortais infelizes dotaram. Sobre os umbrais do palácio de Zeus dois tonéis se acham postos, de suas dádivas; um, só de males; de bens o outro cheio. Se, misturando-as, Zeus grande, senhor dos trovões, as derrama, quem as recebe ora goza, ora males por sorte lhe tocam; mas o que dele recolhe somente infortúnios, escárnio vivo se torna; em extrema miséria, na terra divina, é condenado a vagar, desprezado por homens e deuses.¹⁰

Para Aquiles, e talvez para Príamo, e quem sabe para seus leitores na serra colombiana, isso é um consolo.